



Universidade de Brasília

Instituto de Letras

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

THALLYSON ALESANDRO DA CUNHA GOMES

Catábase e Redenção

Ecos de Orfeu e Jesus Cristo no conto “A hora e a vez de Augusto Matraga”

MONOGRAFIA

Brasília – DF

2022

Thallyson Alesandro da Cunha Gomes

Catábase e Redenção

Écos de Orfeu e Jesus Cristo no conto “A hora e a vez de Augusto Matraga”

Volume único

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a conclusão da Graduação em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura pelo Instituto de Letras da Universidade de Brasília.

Orientador: Professor Doutor Henryk Siewierski

Brasília

2022

Agradecimentos

À minha família, por todo apoio, paciência, carinho, por sempre acreditarem em mim e serem sempre o meu apoio infundável.

Aos meus amigos, especialmente Maria... obrigado por tudo.

Ao meu professor e orientador Henryk Siewierski por todo o carinho, afeto e pelas majestosas orientações neste trabalho.

“O amor? O que é o amor?”, pensou ele. “O amor atrapalha a morte. O amor é a vida. Tudo, tudo o que entendo, só entendo porque amo. Tudo é, tudo existe só porque eu amo. Tudo está ligado só por ele. O amor é Deus, e morrer significa que eu, uma partícula de amor, vou voltar para a fonte universal e eterna”

Liev Tolstói

Sumário

Introdução.....	5
1. Os heróis descem ao inferno.....	7
1.1. A catábase de Orfeu	7
1.2. Jesus Cristo: catábase e salvação	9
1.3 Augusto Matraga: Catábase e redenção	14
2. O símbolo e os símbolos	19
3. O Santo e o Pecador	31
Considerações Finais	41
Referências Bibliográficas	42

Introdução

Para Mircea Eliade em seu livro *Mito e Realidade*, o mito conta sempre uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”, sendo a narrativa da criação: contando de qual modo algo foi feito e começou a ser, revelando a atividade criadora dos Entes sobrenaturais, os personagens dos mitos, e desvendando a sacralidade de suas obras. “Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do "sobrenatural") no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje”. (ELIADE, 2007, p.11).

As fontes míticas estão no nosso imaginário, os mitos constituem-se como referenciais primordiais para a nossa formação humana e, conseqüentemente, da literatura universal. “O mito conservou-se, por um lado, sob a forma original dos contos, da narrativa fundadora que, por meio da narração alegórica, ensina um povo o porquê de ele estar ali, precisamente naquela parte da Terra, como ali chegou, e como deve se conduzir” (CARRIÈRE, 2003).

O mito é incansavelmente repetido, porque existe a ameaça do seu esquecimento, dá ao povo que o pronuncia uma razão, um modo de viver, (CARRIÈRE, 2003). Desde as primeiras obras literárias que os mitos são elementos irradiadores. Em obras centrais da literatura ocidental, como em *A Ilíada* e em *A Odisséia*, atribuídas ao poeta Homero, os mitos gregos são seus elementos basilares, conferindo suporte e sentido à vida daqueles personagens das obras. Tendo como referencial a indissociabilidade entre mito e a literatura, podemos pensar em dois mitos basilares para a análise desse trabalho: O mito de Orfeu e o mito de Jesus Cristo.

Se Carriere afirma que o mito oferece ao povo que o pronuncia uma razão, um modo de viver, o ser objeto de criações artísticas: dentre poemas, longas-metragens, esculturas, Orfeu, personagem da mitologia grega, encarna um modo de viver ancorado na chave do amor indeclinável e insolúvel. Orfeu que é entendido como uma figura de civilização perante a barbárie (BRUNEL, 2003) tem sua amada recém-casada Eurídice morta (em *As Metamorfoses*, de Ovídio, por uma picada de uma cobra) desce ao mundo dos mortos para resgatá-la ou, não sendo possível levá-la novamente ao mundo dos vivos, ficar no Inferno ao seu lado, ele comove todos os seres do submundo com a sua lira, principalmente o Rei do submundo que, profundamente tocado, devolve-lhe Eurídice. Ele é alertado para não olhar para trás no caminho de volta, porém comete o erro de fazê-lo, perdendo Eurídice para sempre.

Mesmo constituindo-se de uma religião, o cristianismo faz uso dos mitos em sua composição religiosa, (ELIADE, 2007) como o mito do herói salvador de toda a humanidade:

Jesus Cristo, herói-Deus e figura chave da religião cristã, filho primogênito de Deus que, segundo o livro a *Bíblia Sagrada*, veio à Terra para viver como e entre os homens, realizou milagres em seu périplo, espalhou os seus ensinamentos eternos e atemporais sobre o amor e a compaixão, amando tanto a humanidade que morreu crucificado para salvá-la.

Levando em consideração que o mito é “uma realidade complexa cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares” (ELIADE, 2007 p.11), este trabalho tem como objetivo discutir como mitos imorredouros de Orfeu e de Jesus Cristo dialogam no conto *A hora e vez de Augusto Matraga*, presente na antologia Sagarana, publicado pela primeira vez em 1946; analisando como os mitos metamorfoseiam-se e são referenciados e repaginados no conto rosiano, no qual o personagem Augusto Matraga, um pusilânime, sem amor nem por sua própria mulher e filha, desce a um estado de quase morte, como Orfeu, e a partir daí adquire um novo sentido de viver inspirando-se em Jesus, e como, futuramente, a sua morte ao salvar uma família de uma decisão injusta e arbitrária, representa a morte do próprio Jesus Cristo. A morte de Augusto e de Jesus sendo eixos de salvação da morte para o(s) próximo(s).

Dividi o trabalho em três capítulos, o primeiro capítulo aprofunda as histórias dos mitos de Orfeu e de Jesus Cristo, percorrendo sobre o processo de descida ao inferno, submundo, mundo dos mortos das personagens, processo que Augusto Matraga também enfrenta. No Segundo capítulo do trabalho, analisarei sobre como a religião, constituída de mitos, é elemento crucial na vida do personagem rosiano. No terceiro capítulo e último capítulo, há a máxima aproximação de Augusto Matraga com o mito irradiador de Jesus Cristo, onde os *sparagmos* dos personagens propiciam a salvação de um povo.

1. Os heróis descem ao inferno

1.1 A catábase de Orfeu

*O mundo estava no rosto da amada –
e logo converteu-se em nada, em
mundo fora do alcance, mundo-além.*

Rainer Maria Rilke

A etimologia da palavra catábase remete ao grego: *katábasis*: que configura-se como a ação de descer, expressando toda e qualquer descida à morada dos mortos. Era demasiadamente utilizada na literatura antiga, os heróis ou imortais desciam em “catábase” ao mundo dos mortos para obterem algum tipo de conhecimento ou para cumprirem uma missão de importância crucial em favor de uma pessoa ou uma comunidade humana. (FERNANDES, 1993). Em *A Odisséia* e *A Eneida* vemos exemplos de catábase dos personagens em direção ao mundo dos mortos para se obterem alguma espécie de conhecimento que lhes será útil em sua jornada. Mas é no mito de Orfeu que encontraremos o exemplo mais emblemático de catábase: a descida por amor pela sua mulher morta.

Iniciado com um mau presságio (a fumaça expelida pela tocha nupcial ao invés da chama ardente), o casamento de Orfeu é marcado por uma tragédia, a jovem e bela Eurídice, recém-casada com o poeta e cantor, está brincando pelos prados, acompanhada de náiades, quando é mordida no pé por uma serpente peçonhenta, perdendo a sua vida instantaneamente e indo ao Inferno, local de morada de todos os mortos, que segundo uma versão do mito era separado do mundo dos vivos por quatro rios diferentes. Sua morte é profundamente lamentada por Orfeu, que empreende uma viagem ao Inferno atrás dela:

Morre a moça infeliz, e o triste amante
Depois de a lamentar aos céus, e à terra,
Empreende comover do inferno as sombras.
Afoito desce a vós, Tenárias portas.
(OVÍDIO, 2000, p. 95)

Dirigindo-se ao rei do Inferno, Orfeu fala que não empreendeu sua catábase por outro motivo a não ser a esposa morta que sucumbiu. "Tentei vencer meu mal, e Amor venceu-me" (OVÍDIO, 2000, p. 96) e dirige ao Rei do Inferno um diálogo que tenta, ao mesmo tempo, convencê-lo e aproximá-lo da sua incomensurável dor através do sofrimento que ambos passaram por Amor: "No rapto que pregoa antiga fama,/Vós também pelo Amor ligado fostes". (OVÍDIO, 2000, p. 96). Orfeu quer levar a sua amada de volta ao mundo dos vivos ou, caso não seja possível, ficar ao lado de Eurídice no Inferno para a eternidade. Ele toca a sua lira e conforta por um instante aquelas almas que em suplício agonizam eternamente.

O Rei do submundo e sua esposa, comovidos pela lira do cantor, não ousam negar piedade a Orfeu, devolvendo imediatamente a sua amada Eurídice, que aparece sem nenhuma marca no pé que causou-lhe o seu *porvir*. Ao herói-cantor é dado o aviso de que em nenhum momento deve dirigir os seus olhos para trás enquanto estiver trilhando o abismo, sob pena de perder novamente Eurídice. Comete uma *hamartia* no momento em que está quase terminando o caminho, o herói olha para trás, dirigindo um olhar para sua esposa, e é nesse momento que a roubam; ele ainda tenta agarrá-la, mas é uma tentativa vã, pois ele a perde para sempre, ela sofreu uma segunda morte:

Ela morre outra vez, mas não se queixa,
Não se queixa do esposo: e poderia
Senão de ser querida lamentar-se?
(OVÍDIO, 2000, P. 97)

Orfeu ainda tem o desejo de retornar ao Inferno mais uma vez, entretanto o remador do barco do rio que levava ao submundo não permite-o, ao que o herói permanece sete dias na margem do rio, sem alimento algum, exceto as lágrimas, a saudade e a dor (OVÍDIO, 2000). Retirando-se, logo em seguida, às cordilheiras da região de Trácia. Algumas versões do mito dizem que ele recolheu-se e nunca mais encontrou-se amorosamente com nenhuma outra mulher; outras versões narram que ele envolveu-se com homens jovens; uma versão mais sombria que diz que as donzelas trácias, sentindo-se humilhadas pela rejeição de Orfeu às suas investidas, despedaçaram o corpo do cantor e jogaram a lira e a cabeça dele ao rio, que ainda descera tocando e cantando uma triste música. (BULFINCH, 2001).

1.2 Jesus Cristo: catábase e salvação

Não receies. Eu sou o primeiro e o último e aquele que está vivo; estive morto e eis que, vivo, continuo sendo pelos séculos dos séculos; e tenho as chaves da morte e do Hades.

(Apocalipse, 1: 17-18)

A *Bíblia Sagrada* é um conjunto de livros escritos ao longo de 1500 anos, divididos em duas partes: O Antigo Testamento e o Novo Testamento, na versão protestante a primeira parte possui 39 livros e a segunda, 27 livros, e em linhas gerais e simples pode-se destacar que o livro contempla a aliança de Deus com seu povo, o povo de Israel, no *Antigo Testamento*; e a formulação de uma Nova Aliança com o seu povo no Novo Testamento, e é inegável a sua importância para a formulação religiosa-filosófica do judaísmo e cristianismo.

Repleta de mitos, na *Bíblia Sagrada* estão presentes todos os elementos estabelecidos como integrantes do conceito de mito por ELIADE (2007): a contação de histórias sagradas, apresentadas aqui com verdadeiras e, portanto, modelos para a conduta humana, relatadas em outro tempo, num tempo primordial, o tempo fabuloso. Existe nela as atividades criadores de Entes Sobrenaturais: Deus, o Espírito Santo e Jesus Cristo, conhecidos como a Santíssima Trindade, todos os três seres sendo um Uno.

Seus escritos são encarados especialmente pelos adeptos religiosos como fundadores do mundo e da aliança de Deus com a Humanidade, uma verdade histórica e uma fonte de edificação espiritual (KERMODE, 1997). Contudo, mais do que isso, nos vemos diante de um livro de grande força e importância literária, que acredita-se que tenha moldado as mentes e vidas de indivíduos por dois milênios (KERMODE, 1997) e influenciado produções literárias ao longo do tempo.

Narrada em sua segunda parte: *o Novo testamento*, dentro dos quatro Evangelhos (Evangelho segundo Mateus, Evangelho segundo Marcos, Evangelho segundo Lucas e o Evangelho segundo João, cada livro contando basicamente a mesma história, todavia cada um contendo seu olhar e evidenciando alguns detalhes e eventos que não lemos nos outros) lemos as boas novas de Jesus: (evangelho vem do grego *evangelion*: as boas novas) o nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, o filho de Deus que foi enviado à Terra para semear a

palavra da Salvação Divina e morrer como um herói para redimir os seres humanos do mundo inteiro.

A geração é feita através de uma gravidez misteriosa, ele foi gerado no ventre da virgem Maria pelo Espírito Santo de Deus e é essa chave do milagre que norteará e fará parte de toda a sua errância messiânica. A genealogia de Jesus Cristo remonta diretamente ao Rei Davi e a Abraão, personagens mitológicos do Antigo Testamento. A afirmação do mito de Jesus Cristo através dos mitos antigos do Antigo Testamento é central e reiterada inúmeras vezes no Novo Testamento.

Essa afirmação e referência está presente no massacre dos inocentes feito pelo Rei Herodes para assassinar o bebê Jesus, após a criança ser anunciada como o Rei dos Judeus. Um anjo do Senhor, entretanto, aparece em sonho para José, o pai terreno de Jesus, anunciando as intenções do Rei e alertá-o para que o casal e o filho fujam para o Egito e permaneçam por lá até o anjo avisá-lo novamente. Esse evento parece assemelhar-se a outra matança de inocentes em *Êxodo*, no antigo Testamento (KERMODE, 1997). Após a morte de Herodes, o anjo reaparece em sonho para José, anunciando que eles poderiam retirar-se daquele local. A família vai para a região da Galiléia e estabelecem-se na cidade de Nazaré, para cumprir a profecia que auspícia que o salvador será chamado de Nazareno.

Jesus é batizado por João Batista, um conhecido profeta da região. A tentação no deserto feito por Satanás após Jesus permanecer quarenta dias e quarenta noites no deserto em jejum vem logo em seguida, Jesus é tentado três¹ vezes pelo ser maligno, e todas as três vezes ele recusa citando *Deuteronômio*, outro livro indecomponível do Antigo Testamento. Vencida a tentação, ele inicia o seu ministério, seguido por numerosas multidões, chamando os seus primeiros discípulos, que são homens simples e pescadores e realizando seus primeiros milagres: curando pessoas paralíticas, possesas por demônios, lunáticos e outros enfermos.

No famoso *Sermão da Montanha*, o filho de Deus reafirma os mandamentos de Deus em uma linguagem poética e alegórica e prenuncia que uma vida seguida nesses mandamentos leva a vida eterna nos céus. Se Orfeu tenta trazer uma morta de volta à vida e não consegue, com Jesus é o oposto: além de curar vários doentes, ele traz de volta a vida uma menina que tinha

¹O número **três** é simbólico nos livros dos Evangelhos: Existem **três** seres divinos: Deus, Jesus Cristo e o Espírito Santo. Jesus é tentado por Satanás **três** vezes, ele mesmo anuncia em **três** ocasiões diferentes que morrerá e ressuscitará após **três** dias. Antes da sua morte, ele vai ao terreno conhecido como Getsêmani e acompanhado de **três** homens, ora **três** vezes a Deus, antes dele ser morto e permanecer **três** dias morto e sepultado.

falecido recentemente, apenas tocando em sua mão e ressuscita Lázaro que estava morto e sepultado há quatro dias.

Uma ironia interessante de notar é que apesar do texto e das falas e atos do próprio Jesus afirmarem-se no Antigo Testamento e seguir a lei de Deus, seu Pai, lei esta que é uma influência modeladora (KERMODE, 1997), o próprio Jesus é constantemente criticado por fariseus, escribas e sumos sacerdotes do templo de cometer blasfêmia e subverter os velhos costumes. Podemos ver isso quando Jesus cura um homem com a mão deformada no sábado; pelas leis do Tempo, exercer qualquer atividade laboral no sábado era terminantemente proibido, por isso os fariseus queriam matá-lo; Jesus, conhecendo as suas intenções, retira-se dali. Em seguida, há o primeiro anúncio da Paixão, o herói já prenuncia a sua própria morte: Jesus anuncia que ficará no coração da terra (morto) durante três dias e três noites: "Tal como esteve Jonas no ventre do monstro marinho durante três dias e três noites, assim estará o Filho da Humanidade no coração da terra durante três dias e três noites" (Mateus 12:40)

Mas seus milagres não são apenas de cura de doentes e ressuscitação, Jesus também realiza a multiplicação de pães e peixes em duas vezes na história. Na primeira vez, Jesus entristece-se com a morte de João Batista, numa aproximação do mito com o ser humano, e retira-se de barco para um local afastado, após retornar depara-se com uma multidão que viera encontrar-se com ele; tocado, o herói cura vários doentes que estavam ali. Não querendo deixar a multidão ir embora sem alimentar-se, Jesus recebe a informação de que só havia dois peixes e cinco pães, entretanto ele pronunciou uma bênção em direção ao céu e começou a dividir os alimentos, que foram multiplicados como num evento mágico e saciaram toda a multidão.

Outra aproximação com os mitos antigos do Velho Testamento está na *Transfiguração de Jesus*, que subindo em uma alta montanha com alguns de seus discípulos, seu rosto brilha como Sol e suas roupas tornam-se brancas como a luz. Aparecem em sua companhia os profetas Moisés e Elias, que haviam dialogado diretamente com Deus no Velho Testamento. Uma voz sai de uma nuvem e anuncia que Jesus Cristo é o seu filho amado e todos devem escutá-lo. Jesus anuncia pela segunda vez a sua futura morte, mas dessa vez adiciona o detalhe que irá ressuscitar após três dias do seu falecimento.

O terceiro anúncio da sua morte precede a *Entrada Triunfal em Jerusalém*, evento de virada na história e que será o estopim do seu assassinato. Próximo à Jerusalém, Jesus e seus discípulos chegam à cidade de Betfagé, junto ao Monte das Oliveiras. Cristo envia dois de seus companheiros para encontrarem uma burra presa e um burro pequeno e trazê-los até ele, diz que isso tem que acontecer dessa maneira para que se cumprissem as palavras do profeta Zacarias do

Antigo Testamento que profetiza que o Rei virá montando num burro e em um burro pequeno. (Zc 9:9)

Montado no animal, Jesus percorre o caminho e é aclamado por turbas que saúdam-no: “Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas alturas!” (Mt 21:9) Os sumos sacerdotes e os escribas do Templo ficam profundamente indignados com a aprovação de Jesus como um Messias e filho de Davi e essa indignação piora quando Jesus expulsa os vendedores que estavam nos templos; os escribas e sumos sacerdotes tinham o desejo de encarcerar Cristo, entretanto tinham temor das multidões numerosas que aclamaram-no como um verdadeiro profeta. Findada a aclamação, alguns fariseus e sumos sacerdotes reuniram-se em conselho para criarem uma armadilha no próprio discurso de Jesus, mas Jesus percebendo as suas intenções, livra-se da armadilha.

O amarás ao próximo como a ti mesmo, ditado por Jesus (Mt 22: 37-39) e a *máxima da humildade*, ao dizer os seres humanos devem despojar-se do seu orgulho e riqueza material e a exaltação da humildade são discursos ditados por Jesus icônicos no texto literário e serão profundamente enraizados tanto pelo cristianismo, quanto pelo personagem Augusto Matraga, personagem central do conto *A hora e a vez de Augusto Matraga*, objeto de análise desse trabalho.

A reunião realizada pelos sumos sacerdotes e anciãos do povo deliberam que irão prender Jesus e o matarão, mas não durante a festa para que não ocorra um motim. O herói já ciente do seu inexorável destino, realiza a Última Ceia com os seus doze apóstolos, profetizando que um dos seus companheiros irá traí-lo. Em seguida, dirige-se ao terreno Getsêmani acompanhado de três homens. Com a mente aflita ao ver-se diante do seu terrível destino, ora três vezes a Deus, seu Pai.

No Getsêmani, é detido por uma multidão que foi enviada pelos sumos sacerdotes e anciãos do povo, multidão que foi liderada por Judas, seu apóstolo e traidor que vendeu o seu mestre ao sacerdotes por trinta moedas de prata; Jesus é então levado ao templo, onde os sacerdotes almejam encontrar um falso depoimento para poderem condená-lo à morte, porém não encontram nenhuma testemunha para incriminá-lo. Há nos textos outro exemplo de ironia, Jesus é afirmado nos Evangelhos como sendo o verdadeiro filho de Deus, no seu julgamento ele é questionado se realmente é filho de Deus, ao que Jesus responde afirmativamente, não negando a sua condição divina, apesar de custar a sua vida terrena e causar-lhe muitos sofrimentos e sevícias, sendo acusado de blasfêmia, e tornando-se automaticamente réu de morte.

No tribunal romano, o Governador Pôncio Pilatos ordena flagelá-lo e entregá-lo para ser morto em crucificação, que havia sido pedido pela população de Jerusalém depois dos sumos sacerdotes influenciaram-lhes. Quando os soldados crucificam-no, colocam em cima da sua cabeça a causa da sua condenação à morte escrito zombeteiramente “Este é Jesus, o rei dos judeus” (Mt 27:37). Angustiado e em dor - suas mãos e pés foram fincados na madeira da cruz com pregos - o crucificado questiona a Deus: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mt 27:46) Jesus morre, seu espírito deixa o seu corpo terrestre e é nesse momento que há um grande rebuliço na estrutura do mundo:

E eis que o véu do templo se rasgou em dois de cima a baixo e a terra tremeu e as rochas fenderam-se, e os túmulos abriram-se e muitos corpos de santos falecidos foram levantados, e, saindo dos túmulos após a ressurreição dele, entraram na cidade santa e apareceram a muitas pessoas.
O centurião e os que estavam com ele vigiando Jesus, vendo o sismo e as coisas que tinham acontecido, sentiram muito medo, dizendo: “Este era verdadeiramente filho de Deus”.
(Mt, 27: 51-54)

Jesus retorna da morada dos mortos depois de três dias, como ele já tinha auscultado diversas vezes na narrativa e após encontrar-se rapidamente com os seus discípulos, é alçado aos Céus. Enquanto no mito de Orfeu, o herói realiza a sua catábase ao Inferno por amor para resgatar a sua esposa Eurídice de lá, a catábase de Jesus também faz-se por amor, todavia o amor pelos povos de todo mundo. Cristo não declina diante da sua morte anunciada e não nega ser filho de Deus no seu julgamento perante os sumos sacerdotes do templo, mesmo isso custando-lhe a própria vida ao ser considerado um blasfemo.

Ele desceu dos céus para viver como um homem, sentindo tudo que os seres humanos sofrem: a fome, a sede, aflição, tristeza, a dor. A sua catábase destina-se a sofrer no momento da sua morte na crucificação todas as dores do pecado de todos os seres humanos do mundo; e é através de seu auto sacrifício e do *sparagmos* do seu corpo físico que os indivíduos que nele creem não agonizem as dores do pecado e das transgressões:

Disse-lhes: “Estas foram as palavras que vos disse, estando ainda convosco: que era necessário que se cumprissem todos os escritos sobre mim na lei de Moisés, nos profetas e nos salmos”. Abriu-lhes então o entendimento para compreenderem as Escrituras. E disse-lhes: “Assim está escrito que o Cristo havia de sofrer e ressuscitar dentre os mortos ao terceiro dia; que havia de ser anunciada, em seu nome, a mudança de mentalidade para libertação dos erros a todos os povos, começando por Jerusalém. Vós sois as testemunhas dessas

coisas. E eis que envio a promessa do meu Pai sobre vós. Permanecei na cidade até serdes vestidos com a força do Sublime”.
(Lc: 24: 44-49)

1.3 Augusto Matraga: catábase e redenção

Matraga não é Matraga, não é nada. Matraga é Estêves. Augusto Estêves, filho do Coronel Afonso Estêves, das Pindaibas e do Saco-da-Embira. Ou Nhô Augusto [...]

Guimarães Rosa

O personagem central do conto *A hora e vez de Augusto Matraga*, escrito por Guimarães Rosa e publicado em 1946, Augusto Matraga não é um herói, ele não é nada. Não inicialmente. Diferente de Jesus Cristo e Orfeu, Augusto é um pusilânime que não possui amor nem por sua esposa Dona Dionóra e sua filha franzina Mimita, sendo indiferente com estas. Dono de terras e um valentão bastante temido em uma região comandado por jagunços e coronéis, figuras detentoras de força física e política, assim como vemos no romance *Grande Sertão: Veredas*, e no conto *Corpo Fechado*, também escritos por Rosa.

Augusto não possui o amor destruidor que lançam Jesus e Orfeu ao *locus* das almas agonizantes; ao contrário dos heróis citados, ele será lançado ao mundo dos mortos e presente ali tomará conhecimento e força necessários para “reviver”. No início da narrativa sabemos que, além da indiferença que nutre por sua família, ele prefere passar o seu tempo na companhia de mulheres, com bebidas, jogos e ao lado dos seus bate-paus (seus capangas):

Dela, Dionóra, gostava, às vezes; da sua boca, das suas carnes. Só. No mais, sempre com os capangas, com mulheres perdidas, com o que houvesse de pior. Na fazenda — no Saco-da-Embira, nas Pindaibas, ou no retiro do Morro Azul — ele tinha outros prazeres, outras mulheres, o jogo do truque e as caçadas. E sem efeito eram sempre as orações e promessas, com que ela o pretendia trazer, pelo menos, até a meio caminho direito.
(ROSA, 1984, p. 346)

O seu inseparável camarada Quim leva a Augusto, que estava na rua, o recado de Dona Dionóra pedindo ao seu marido para ir para casa a fim de combinarem detalhes da viagem que empreenderiam no vindouro dia. Augusto responde para Quim retornar e dizer a Dionóra para viajar somente com a filha, pois ele não irá. Atormentada, Dionóra aceita o destino e pensa em ir viver com seu amante, que era diferente de Augusto, já que o outro “gostava dela, muito... Mais do que ele mesmo dizia, mais do que ele mesmo sabia, da maneira de que a gente deve gostar”. (ROSA, 1984, p.347). Porém, ela temia que Augusto sabendo da “desonra da sua masculinidade” matasse ela.

Na aurora do dia seguinte, elas duas viajaram acompanhadas do fiel Quim. No meio de uma passagem, eles depararam-se com o amante de Dionóra: Ovídio Moura, que desejava que as duas seguissem caminho com ele. Prontamente, Dionóra exclama: “Nhô Augusto é capaz de matar a gente, seu Ovídio... Mas eu vou com o senhor, e fico, enquanto Deus nos proteger...” (ROSA, 1984 p. 348) e vão com ele por outro caminho. Quim ao ver toda a cena, retorna para avisar ao seu chefe.

Ao investigar os primórdios da família, Friedrich Engels em *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* afirma que para a preservação da propriedade privada foram criadas a monogamia e a dominação masculina. A família monogâmica é a marca distintiva da civilização incipiente e se funda no domínio do homem, com a finalidade de gerar filhos com paternidade inquestionável, essa paternidade é exigida porque algum dia os filhos irão assumir o patrimônio da família. Há a solidez do laço matrimonial, ele não pode ser desfeito quando uma das partes quiser.

Via de regra, só o homem ainda pode dissolvê-lo e repudiar a esposa. O direito à infidelidade conjugal é assegurado ao homem, pelo menos pelo costume e para a mulher não. Para assegurar a fidelidade da mulher, ela é submetida ao poder do homem. Quando ele a mata, está apenas exercendo o seu direito. Para o autor, o casamento monogâmico “surge sob a forma de escravização de um conflito entre os sexos”. (ENGELS, 2010).

Dentro do pensamento dessa sociedade em que os personagens fazem parte, Dionóra é um objeto pertencente a Augusto, ele pode fazer o que quiser com ela, e mesmo não amando-a mais e relacionando-se sexualmente com outras mulheres, é impossível para ele pensar no objeto tendo vontade própria e rejeitando-o. Resolver esse imbróglio faz-se urgente, seja matando o amante e trazendo Dionóra para seu controle, lavando sua honra, seja matando os dois e também lavando a sua honra. A Augusto, Quim conta tudo o que aconteceu:

— ... Eu podia ter arresistido, mas era negócio de honra, com sangue só p'ra o dono, e pensei que o senhor podia não gostar...
— Fez na regra, e feito! Chama os meus homens!
(ROSA, 1984, p. 349)

Contudo, Augusto enfrenta outro problema: os seus capangas não queriam mais estarem a serviço dele, preferiam trabalhar para o seu inimigo, O Major Consilva, já que ele estava pagando bem. Um deles chega a dizer para Augusto para ele pagar o que deve ao bate-paus. Matraga, duplamente humilhado, sai dali cavalgando para a chácara do Major, intentando, logo após, assassinar Ovídio e Dionóra. Augusto chega na chácara do seu rival e antes mesmo de poder fazer algo, é barrado por seus antigos companheiros e agredido fisicamente por eles:

Já os porretes caíam em cima do cavaleiro, que nem pinotes de matrinchãs na rede. Pauladas na cabeça, nos ombros, nas coxas. Nhô Augusto desdeu o corpo e caiu. Ainda se ajoelhou em terra, querendo firmar-se nas mãos, mas isso só lhe serviu para poder ver as caras horríveis dos seus próprios bate-paus.
(ROSA, 1984, p. 351)

O Major Consilva ordena que tirem o seviciado Augusto de dentro dos limites das suas terras, marquem ele a ferro como um gado e matem-no finalmente. Augusto ainda vocifera algumas palavras de intimidação em resposta às ordens do Major, porém não surte efeito e ele apanha novamente:

E, seguro por mãos e pés, torcido aos pulsos dos capangas, urrava e berrava, e estrebuchava tanto, que a roupa se estraçalhava, e o corpo parecia querer partir-se em dois, pela metade da barriga. Desprende-se, por uma vez. Mas outros dos homens desceram os porretes. Nhô Augusto ficou estendido, de bruços, com a cara encostada no chão.
(ROSA, 1984, p. 351-352)

Augusto é então levado pelos antigos capangas ao rancho do barranco, uma espécie de boca, entrada do mundo dos mortos “que ficou sendo um caminho de pragas e judiação” (ROSA, 1984, p. 352). Matraga já encontrava-se “meio nu, todo picado de faca, quebrado de pancadas e enlameado grosso, poeira com sangue” (ROSA, 1984, p. 352). Ali os capangas acendem uma fogueira e marcam a polpa glútea direita de Augusto com o brasão de marcar gado do Major Consilva, eles assustaram-se porque Augusto gritou “Segura” e fugindo da futura morte, pulou no barranco. Um dos capangas ainda queria descer no barranco para verificar se Augusto tinha

mesmo falecido, ao que outro responde que não seria necessário, apenas armassem uma cruz ali no local, que é o símbolo da morte.

Há aqui a descrição da primeira morte de Augusto e a sua catábase ao mundo dos mortos. Ele literalmente desceu ao mundo dos mortos. Diferente de Orfeu que desceu ao Inferno para resgatar a sua amada e diferente de Jesus Cristo que foi ao Hades por não renegar os ensinamentos do seu Deus-pai e por amor à humanidade, Augusto não empreendeu a sua catábase por amor a nenhum objeto específico, a não ser a si mesmo para escapar da futura morte, pulando no barranco. Mas ali no mundo dos mortos irá adquirir conhecimento e retornará transformado, não mais o mesmo.

Ali no mundo dos mortos, um homem negro “encontrou vida funda no corpo tão maltratado do homem branco” (ROSA, 1984, p. 353) e carrega-o junto com sua companheira ao casebre do casal. É o mundo dos mortos porque ali ele não viverá como o velho Augusto, ao lado de mulheres, jogos, bebidas e velhos companheiros. Ele passa os primeiros dias ora como um ser morto, ora como inconsciente, ora como desorientado, proferindo delírios ou coisas sem sentido algum.

Ao despertar dias depois na choupana do casal de pessoas negras (que curiosamente, inicialmente, não têm nome na narrativa, só saberemos os seus nomes futuramente no conto), Augusto sente profundamente as dores em todo seu corpo provenientes da tentativa de homicídio e da marcação a ferro em sua pele como um gado, em outras palavras, o seu corpo está quebrado, destruído, despedaçado. Apesar dos poucos recursos, Augusto é cuidado, na medida do possível pelo casal, entretanto ele é acometido por constantes oscilações de humor:

Nhô Augusto, dias depois, quando voltou a ter noção das coisas, viu que tinha as pernas metidas em toscas talas de taboca e acomodadas em regos de telhas, porque a esquerda estava partida em dois lugares, e a direita num só, mas com ferida aberta. As moscas esvoaçavam e pousavam, e o corpo todo lhe doía, com costelas também partidas, e mais um braço, e um sofrimento de machucaduras e cortes, e a queimadura da marca de ferro, como se o seu pobre corpo tivesse ficado imenso.

Mesmo assim, com isso tudo, ele disse a si que era melhor viver.
(ROSA, 1984, p. 354)

Agora, parado o pranto, a tristeza tomou conta de Nhô Augusto. Uma tristeza mansa, com muita saudade da mulher e da filha, e com um dó imenso de si mesmo. Tudo perdido! O resto, ainda podia... Mas, ter a sua família, direito, outra vez, nunca. Nem a filha... Para sempre... E era como se tivesse caído num fundo de abismo, em outro mundo distante.

(ROSA, 1984, p. 355)

Ancorados nos ensinamentos e exemplos de vida mundana de Jesus Cristo, os sermões e palavras do Padre, que havia sido trazido escondido no meio da noite pelo casal de negros, serão elementos irradiadores e motivadores para Augusto poder dar sentido a sua vida opaca e vazia, realizando a sua “ressuscitação” e saindo do Inferno, não como o antigo Augusto pré-morte, mas como um novo ser, fundado nos aprendizados cristãos (amar a Deus, amar e ajudar o próximo) e tendo aversão aos seus antigos atos de crueldade. É a partir daqui que ele dará um novo sentido a sua existência, ele sai da morada dos mortos e decide, juntamente com o casal, dirigirem-se a outro local, onde ele pode ser uma nova criatura:

E somente essas coisas o ocupavam, porque para ele, fêria feita, a vida já se acabara, e só esperava era a salvação da sua alma e a misericórdia de Deus Nosso Senhor. Nunca mais seria gente! O corpo estava estragado, por dentro, e mais ainda a idéia. E tomara um tão grande horror às suas maldades e aos seus malfeitos passados, que nem podia se lembrar; e só mesmo rezando. Espantava as idéias tristes, e, com o passar do tempo, tudo isso lhe foi dando uma espécie nova e mui serena de alegria. Esteve resignado, e fazia compridos progressos na senda da conversão.
(ROSA, 1984, p. 357)

2. O Símbolo e os símbolos

*Se afastares de ti o que prende
– E maledicência e uma palavra sussurrada –
E se deres, a quem tem fome, pão da tua alma
E se cumulares uma alma que foi rebaixada,
Então a tua luz se levantará na escuridão,
E a tua escuridão será como o meio-dia!*
(Isaías, 58: 9-10)

Os mitos são fundamentais para o nosso imaginário como indivíduos sociais (ELIADE, 2007), constituída por mitos, a religião absorve essa característica idiossincrática de importância de um modelo de agir e viver, oferecendo a edificação espiritual para os seus fiéis e simpatizantes e também apoio de mundo, dando suporte às dores, sevícias, lutas, opressões e dificuldades da vida terrena. Para Rubem Alves na obra *O que é Religião*, a religião é formada por uma:

[...] teia de símbolos, rede de desejos, confissão da espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica e pretenciosa tentativa de transubstanciar a natureza. Não é composta de itens extraordinários. Há coisas a serem consideradas: altares, santuários, comidas, perfumes, lugares, capelas, templos, amuletos, colares, livros... e também gestos, como os silêncios, os olhares, rezas, encantações, renúncias, canções, poemas romarias, procissões, peregrinações, exorcismos, milagres, celebrações, festas, adorações.
(ALVES, 1984, p.22)

Para Alves, os símbolos assemelham-se a horizontes e são referenciais do nosso caminhar como seres humanos. Os símbolos são o nosso chão, nosso porto seguro, nossa segurança. Não é sem efeito que podemos afirmar que a religião constitui elemento chave do pensamento e vida dos personagens da narrativa do conto *A hora e a vez de Augusto Matraga*, sendo incondicional e amalgamado na existência desses. A esposa de Augusto, Dona Dionóra, recorre às orações ao ver o marido preferir a companhia de outras mulheres do que ao lado dela e da filha do casal.

É inegável a presença profunda do pensamento religioso na concepção de mundo e vida dos personagens, tanto que enquanto Augusto estava em um estado semimorto na cabana do casal de pessoas negras, altamente machucado e sofrendo da dor e aflição do espancamento que

tomou dos antigos companheiros, a “ preta procurava um coto de vela benta, para ser posta na mão do homem, na hora do ‘Diga Jesus comigo, irmão’...” (ROSA, 1984, p. 353) para que o ato de rezar a Deus fosse um meio de ajudar na recuperação do antigo pusilânime.

Essa ideia de que a religião oferece um suporte e auxílio para a cura das chagas do personagem é recorrente na narrativa. Alves argumenta que “com seus símbolos sagrados o homem exorciza o medo e constrói diques contra o caos”. O casal aconselha Augusto inúmeras vezes a rezar para trazer-lhe algum conforto para os seus males físicos e espirituais, levando até ele em certo momento da narrativa uma estampa de Nossa Senhora Do Rosário e um terço, que são símbolos religiosos basilares para eles, todavia Augusto não reza até o momento do seu encontro com o padre que mudará sua concepção de vida e mundo para sempre.

Ater-se à religião como meio de lidar com as dificuldades também pode ser lida no conto *Arroio-das-antas*, presente na antologia *Tutaméia (Terceiras Estórias)*, escrita por Guimarães Rosa e publicada pela primeira vez em 1967. Na narrativa que se passa também em um arraial no meio do sertão brasileiro, a jovem Drizilda de quinze anos de idade enfrenta uma situação de extremo sofrimento e pesar após seu irmão assassinar o seu marido em uma briga e ver o seu irmão na prisão pelo homicídio cometido. Para afastar a dor ela destina o seu tempo ao trabalho duro, o que causa tristeza e empatia nas senhoras da região, que recorrem às orações para ajudar a jovem no seu trágico sofrimento:

Tramavam já com Deus, em bico de silêncio, as quantas criaturas comedidas. De vê-la a borralheirar, doíam-se, passarinho na muda, flor, que ao fim se fana; nem podendo diverti-la, dentro em si, desse desistir. Mas pretendiam mais. Tomavam todas juntas, a fé de mortificadas orações, novenas, nôminas, setêmplices. - “Deus e glória!”[...] (ROSA, 1979, p. 18)

A religião como suporte para adversidades e crises terrenas também está presente no conto *A vela ao Diabo*, que também é integrante da antologia *Tutaméia*, em que o personagem Teresinho, ao ver as missivas da sua noiva, Zidica, residente em uma cidade distante diminuir-se gradativamente, começa a inquietar-se e agonizar com o temor da possibilidade de que ela talvez não amasse-o mais, já que receava profundamente perdê-la. Recorre ao álcool, todavia esse não traz-lhe conforto diante da situação, recorrendo a religião como meio para que sua noiva não deixasse de amá-lo:

A de que se lembrou: novena, heróica. Devia, cada manhã, em igreja, acender vela e de joelho ardê-la, a algum, o mesmo, santo - que não podia saber nem ver qual, para o bom efeito. O método moveria Deus, ao som de sua paixão, por mirificácia - dedo no botão, mão na manivela - segurando-lhe com Zidica o futuro.

(ROSA, 1979, p. 21)

Em *São Marcos*, conto presente na antologia Sagarana, de Guimarães Rosa, o personagem também de mais de um nome (assim como Augusto Matraga), ora chamado por José, ora chamado por João também possui junto de si um símbolo contra o caos que, no seu entendimento, oferece-lhe proteção contra ataques de cobras: “Além do falado, trazia comigo uma fórmula gráfica: treze consoantes alternadas com treze pontos, traslado feito em meia-noite de sexta-feira da Paixão” (ROSA, 1984, p. 241), não se aventurando a caminhar pela mata sem o seu amuleto protetor, embora, ele desdenhe e ojeriza as superstições regionais, especialmente desprezando e destinando piadas racistas diretamente à figura de João Mongolô, uma espécie de autoridade no curandeirismo na região, que nas palavras de João era um “Preto; pixaim alto, branco amarelado; banguela; horrendo. (ROSA, 1984, p. 245).

João possui o hábito de passar o tempo apreciando a fauna e flora de locais secretos dentro da mata fechada e de difícil acesso, e no meio do caminho de mais uma de suas observações da natureza local, ele encontra o seu amigo Aurísio Manquitola, e ao conversarem um pouco sobre as superstições e crenças dos moradores do arraial, João ironiza a conhecida reza de São Marcos, espécie de oração proibida que, segundo o imaginário popular do arraial, confere poderes sobrenaturais e inumanos ao seu orador. Logo, o narrador do conto *São Marcos* é advertido pelo companheiro, temeroso com as graças do outro:

– Para, creio-em-deus-padre! Isso é reza brava, e o senhor não sabe com o que está bulindo!.. É melhor esquecer as palavras... Não benze pólvora com tição de fogo! Não brinca de fazer cócega debaixo de saia de mulher séria.

(ROSA, 1984, p. 247)

Após o encontro com Aurísio, João destina-se ao seu local preferido, um local hermético com várias árvores, que ele pode recostar-se e observar os animais que vêm e vão, enquanto aprecia a imagem esplêndida de uma lagoa à sua frente. Nesse momento, a sua visão escurece-se repentinamente, deixando-o completamente cego. Tomado por uma imensurável sensação de medo e caos, a personagem recorre a um símbolo religioso regional para auxiliá-lo nesse momento de caos e dúvida, já que o símbolo dá uma espécie de força e amparo para lidar com

momentos difíceis: *Santa Luzia*, que segundo a tradição religiosa católica, é a santa padroeira da visão humana:

Não é sonho, não é; pesadelo não pode ser. Mas, quem que não seja coisa passageira, e que daqui a instante eu não irei tornar a enxergar? Louvado seja Deus, mais a minha boa Santa Luzia, que cuida dos olhos da gente!... “**Santa Luzia** passou por aqui, com o seu cavalinho comendo capim!.. “**Santa Luzia** passou por... Não, não passa coisa nenhuma. Estou mesmo é envolvido e acuado pela má treva, por um escurão de transmundo, e sem atinar com o que fazer. Maldita hora! Mais momento, e vou chorar, me arrependendo, gritando e rolando no chão.

(ROSA, 1984, p.. 262)

Ainda cego e com medo de adentrar na mata e perder-se, ou cair na lagoa e morrer afogado, o narrador faz uso de outro recurso simbólico para ajudá-lo em sua cegueira e desespero, recitando a reza interdita de São Marcos. Assim como Augusto Matraga, João também recorre a símbolos religiosos para dar-lhe amparo e proteção em momentos difíceis e confusos. Após rezar a reza proibida, João é acometido por uma vontade “louca de derrubar, de esmagar, destruir...” (ROSA, 1984, p. 267) e começa a correr pela mata fechada sem medo, assim como uma besta selvagem “meu ofego me parecia o arquejar de uma grande fera, que houvesse estacado ao lado de mim.” (ROSA, 1984, 267). Após recitar a reza de São Marcos, João consegue sair da mata fechada; ela, a reza, entregou-lhe a força necessária para sair dali e tirou-lhe o medo para sair dali daquela situação, como uma âncora e um amparo crucial para sua fuga e proteção.

Augusto demora para usar a religião ao seu favor, ele via inicialmente a religião como algo secundário, não dando importância a ela. Curioso notar que após ser agredido por seus antigos comparsas, jogar-se no barranco para poder sobreviver e escapar, ser resgatado pelo casal de negros, ele exclama para matá-lo pelas “chagas de Nosso Senhor”, ao invés de usar um símbolo religioso como bússola moral e existencial, Augusto recorre para que matem-no de uma vez por todas e o extirpe do austero sofrimento, já que ele está duplamente humilhado: foi abandonado por sua mulher e filha e apanhou severamente, sendo preferível a morte do que viver naquele estado de escárnio social por ter sido traído por sua família e seus subservientes bate-paus.

É notório o seu distanciamento com a religião ou com os símbolos religiosos nesse momento, apesar de ser exortado diversas vezes a rezar, já que o casal entendia que as orações poderiam ajudar na sua recuperação física e moral; no período que estava no mundo dos mortos, vivendo como morto e uma alma perdida e condenada de dores e aflições, posteriormente as

dores melhorarem, ao recordar-se da sua mulher e filha que ele não amava “sem raiva, sem sofrimento, mesmo, só com uma falta de ar enorme, sufocando” (ROSA, 1984, p. 354-355), ele chorou:

[...] chorou muito, um choro solto, sem vergonha nenhuma, de menino ao abandono. E, sem saber e sem poder, chamou alto soluçando:

— Mãe... Mãe...

O preto, que estava sentado, pondo chumbada no anzol, no pé da porta de casa, ouviu e ficou atrapalhado; chamou a preta, que veio ligeira e se enterneceu:

— Não faz assim, seu moço, não desespere. Reza, que Deus endireita tudo...

P’ra tudo Deus dá o jeito!

(ROSA, 1984, p. 355)

Mesmo não rezando, Augusto clama pela possibilidade de ter os seus pecados e erros perdoados: “Se eu pudesse ao menos ter absolvição dos meus pecados!...” (ROSA, 1984, p. 355). Ainda temendo que os antigos malfeitores pudessem localizar a estadia de Augusto e tentarem matá-lo finalmente, o casal decide trazer um padre às escondidas à presença de seveciado. Diante da autoridade religiosa, Matraga conversa com ele e confessa a sua narrativa. Ao indagar se Deus teria piedade um grande pecador, o outro responde em uma linguagem que mescla elementos do cotidiano rural da região do arraial, numa linguagem regional para aproximar o homem comum com a exegese, o sobrenatural, com a religião e às obras de Deus: “—Tem, meu filho. Deus mede a espora pela rédea, e não tira o estribo do pé de arrependido nenhum...” (ROSA, 1984, p. 356).

O padre, então, vai orientar para Augusto um modelo de agir e viver centrado na vida, pensamento, ensinamentos, parábolas e alegorias de Jesus Cristo, personagem crucial e fundamental do *Novo Testamento* e mito-símbolo máximo do cristianismo, religião predominante no Arraial em que os personagens estão inseridos. *O amar ao próximo como a ti mesmo* e a reiteração de uma vida pautada no rebaixamento a uma extrema humildade, frases anunciadas por Cristo são desenvolvidas no sermão do padre:

— Eu acho boa essa ideia de se mudar para longe, meu filho. Você não deve pensar mais na mulher, nem em vinganças. Entregue para Deus, e faça penitência. Sua vida foi entortada no verde, mas não fique triste, de modo nenhum, porque a tristeza é aboio de chamar o demônio, e o Reino do Céu, que

é o que vale, ninguém tira de sua algibeira, desde que você esteja com a graça de Deus, que ele não regateia a nenhum coração contrito!

[...]

—Você nunca trabalhou, não é? Pois, agora, por diante, cada dia de Deus você deve trabalhar por três, e ajudar os outros, sempre que puder. Modere esse mau gênio: faça de conta que ele é um poldro bravo, e que você é mais mandante do que ele... Peça a Deus assim, com esta jaculatória: “Jesus, manso e humilde de coração, fazei meu coração semelhante ao vosso.”

(ROSA, 1984, p.356)

Porém, o que será mais emblemático para Augusto será a fala do padre na hora da sua despedida, que mescla uma vida religiosa regrada e espelhada em Jesus Cristo juntamente com o imparável e incansável trabalho, referenciando diálogos de Jesus sobre a importância da humildade e da espera pela vida eterna nos céus, e pela salvação, ato divino que distancia o ser humano da esfera terrestre de todos os sofrimentos suscetíveis na Terra à essência do ser humano:

— Reze e trabalhe, fazendo de conta que esta vida é um dia de capina com sol quente, que às vezes custa muito a passar, mas sempre passa. E você ainda pode ter muito pedaço bom de alegria... Cada um tem a sua hora e a sua vez: você há de ter a sua.

(ROSA, 1984, p. 356).

A partir daí, ele passará por um momento de ressignificação da sua vida. Ele desceu ao Inferno, como Orfeu e Jesus Cristo, passou dias como morto e retorna ao Reino dos vivos não como o velho Augusto, um Augusto pecador, sem amor, adúltero, irascível, embriagando-se recorrentemente e na companhia de jagunços pecadores, mas um ser transformado como os Heróis antigos, como um exemplo de ser humano que Jesus Cristo prega àqueles que seguem seus ensinamentos; na sua catábase, Augusto obteve conhecimento essencial para atravessar a fase difícil e infernal da sua vida e portar-se como uma pessoa melhor.

Jesus Cristo é considerado um herói civilizador (KERMODE, 1997). Assim como o herói grego Orfeu. Quando Jesus expulsa uma legião de demônios de um homem na região de Gerasa nos livros dos Evangelhos, o homem que antes estava completamente despido, aparece trajando roupas e em perfeito juízo, “já não é mais selvagem e nu, mas civil e vestido” (KERMODE, 1997). Portanto, Cristo é entendido como aquele que veio trazer a civilização. E seus ensinamentos trazem civilização a Augusto Matraga. Ele agora veste as roupas do juízo e do entendimento.

Conjecturando sobre a religião, Alves afirma que o esforço para pensar a realidade toda a partir da exigência de que a vida faça sentido seja a marca das religiões (ALVES, 1984). O

personagem central do conto inicia a vida religiosa, e começa a realizar o ato de rezar, rezando diversas rezas, recordando-se das rezas aprendidas na infância por sua avó e repetindo as rezas que o casal falava repetidamente enquanto cuidava dele, já que agora ele detinha de um novo propósito de vida “a salvação da sua alma e a misericórdia de Deus Nosso Senhor” (ROSA, 1984, p. 357).

Augusto rechaça os seus antigos atos de maldade feitos pelo velho Augusto, não querendo nem se recordar deles, apenas rezando e rezando. Ancorado na vida religiosa que deu-lhe algum sentido para a sua vida, ele começa a livrar-se da tristeza e sentir alegria e serenidade. Quando consegue andar com o auxílio de muletas, decide se estabelecer em outra região, onde ele pode pôr em prática todos os ensinamentos cristãos que recebeu. Dialoga com o Padre e viaja na calada da noite na companhia do casal. No meio da estrada, ajoelha e abrindo os braços em cruz, local da morte do homem Jesus Cristo e símbolo referencial para o cristianismo, exclamando:

— Eu vou p’ra o céu, e vou mesmo, por bem ou por mal!... E a minha vez há de chegar... P’ra o céu eu vou, nem que seja a porrete!... E os negros aplaudiram, e a turminha pegou o passo, a caminho do sertão.
(ROSA, 1984, p. 35)

Augusto também recorrerá aos símbolos religiosos após a sua ressurreição, principalmente no início do seu ministério que dará-se no povoado do Tombador - acompanhado do casal de pessoas negras que ele considera agora como pais -, um local ermo que “gostaram logo dele, porque era meio doido e meio santo; e compreender deixaram para depois” (ROSA, 1984, p. 358) pouco frequentado por viajantes do sertão, o que dá a ele a possibilidade de talvez nunca ser encontrado pelos seus antigos algozes e onde Matraga pode colocar em prática um vida espelhada em Jesus Cristo durante “seis ou seis anos e meio” (ROSA, 1984, p. 359) e nos sermões do sacerdote católico antes de estabelecer ali, ajudando prioritariamente o outro e trabalhando incansavelmente dia e noite:

Trabalhava que nem um afadigado por dinheiro, mas, no feito, não tinha nenhuma ganância e nem se importava com acrescentes: o que vivia era querendo ajudar os outros. Capinava para si e para os vizinhos do seu fogo, no querer de repartir, dando de amor o que possuísse. E só pedia, pois, serviço para fazer, e pouca ou nenhuma conversa.
(ROSA, p. 358)

Augusto não só viverá como Jesus nesses seis primeiros anos, sendo um ser puro, íntegro, sem pecados, assexuado e exemplo para a comunidade já que “não fumava mais, não bebia, não olhava para o bom-parecer das mulheres, não falava junto em discussão” (ROSA, 1984, p. 359), entretando também será e encarnará Jesus Cristo, tanto que assim como o herói cristão, Augusto também morrerá futuramente na narrativa rosiana para salvar um povo tendo em mente, não esquecendo-se do mandamento de *amar ao próximo como a ti mesmo*, pronunciado por Jesus Cristo. Augusto, indubitavelmente, viverá os mitos, que segundo ELIADE (2007) implica em:

[...] uma experiência verdadeiramente "religiosa", pois ela se distingue da experiência ordinária da vida quotidiana. A "religiosidade" dessa experiência deve-se ao fato de que, ao reatualizar os eventos fabulosos, exaltantes, significativos, assiste-se novamente às obras criadoras dos Entes Sobrenaturais; deixa-se de existir no mundo de todos os dias e penetra-se num mundo transfigurado, auroral, impregnado da presença dos Entes Sobrenaturais. Não se trata de uma comemoração dos eventos míticos, mas de sua reiteração. O indivíduo evoca a presença dos personagens dos mitos e torna-se contemporâneo deles.

O ato de viver os mitos é importante para Augusto, mesmo que para isso ele tenha que esquecer-se de sua esposa, filha e do amado companheiro Quim que vivem em outro lugar, já que segundo os preceitos cristãos esse ato de olvidar os eventos terrestres e colocar os mandamentos religiosos acima de todos e todas as coisas (“Procurai, antes, primeiro o reino de Deus e justiça d’ele; e todas essas coisas vos serão dadas”. Mt. 6: 33) seja crucial para poder alcançar o prêmio futuro máximo que está no horizonte de expectativas dos adeptos religiosos cristãos: a salvação da alma, que configura como evento que conduz à vida eterna em um local sereno sem dor, sofrimento, aflição, morte, choro, angústias, atos horrendos, como anunciado por Jesus:

Amém vos digo: não existe ninguém que deixe casa, irmãos, irmãs, pai, filhos ou campos por minha causa e por sua causa da boa-nova, que não receba cem vezes mais agora no tempo presente em casas e irmãos e irmãs e mães e filhos e campos - juntamente com perseguições - e, no tempo futuro, a vida eterna.
(LC. 10: 29-31)

A chegada de Tião da Thereza, antigo conhecido de Matraga, no povoador do Tombador para procurar animais bovinos perdidos no sertão será desestabilizante ao nosso personagem. Tião da Thereza relata inúmeros acontecimentos que ocorreram nesses últimos seis anos com grandes riquezas de detalhes a Augusto: a esposa continuava em união estável com Ovídio

Moura e possuíam planos de casar-se oficialmente na igreja, já que Augusto foi dado como morto e dessa forma estaria desimpedida para realizar outro casamento com outro homem.

A sua filha, Mimita, tinha sido seduzida por um cometa (um caixeiro-viajante) que tinha tirado-a do arraial (O conto rosiano dá a entender que Mimita está sendo explorada sexualmente, como podemos subentender das palavras de Augusto páginas adiante: “A filha, tão nova, e já na mão de todos, rolando por este mundo, ao deus-dará...” (ROSA, 1984, p. 362)). O seu antigo inimigo, o Major Consilva tinha espoliado para si duas fazendas de Augusto. Entretanto, o que causará sentimentos de tristeza a Augusto será o relato do falecimento de Quim - espécie de Sancho Pança, fiel companheiro dele -, que morreu por sua causa numa tentativa de vingança contra os carrascos do seu chefe, enfrentando-os sem a companhia de ninguém:

Mas o mais malarrumado tinha sido com o Quim, seu antigo camarada, o pobre do Quim Recadeiro — “Se alembra?” — Pois o Quim tinha morrido de morte-matada, com mais de vinte balas no corpo, por causa dele, Nhô Augusto: quando soube que seu patrão tinha sido assassinado, de mando do Major, não tivera dúvida: . . . jurou desforra, beijando a garrucha, e não esperou café coado! Foi cuspir no canguçu detrás da moita, e ficou morto, mas já dentro da sala-de-jantar do Major, e depois de matar dois capangas e ferir mais um... (ROSA, 1984, p.360)

Augusto então clama para que Tião da Thereza pare de contar aqueles fatos carregados de tragédia e tristeza e pede que ele não conte a ninguém que viu-o ali vivo no pequeno povoado implorando “pelo amor de Deus, por amor de sua mulher, de seus filhos e de tudo o que para você tem valor!” (ROSA, 1984, p. 360). O que lembra muito quando Jesus realizava os seus milagres de cura de leprosos, cegos, paráliticos e outras doenças e ressurreição dos mortos e pedia à população atendida pelos efeitos do numinoso que não espalhassem a notícia a ninguém antes do momento oportuno, que seria o seu caminho à morte na cruz.

Augusto é um novo ser, um novo homem. O antigo Augusto desvaneceu-se para que pudesse dar lugar a um outro Augusto. Para ele, o antigo Augusto pecador e ignominioso do passado não condiz com o atual ser no povoado do Tombador e o contradiz veementemente tanto que roga a Tião da Thereza para ele fingir que não o viu ali vivendo uma vida distante do seu eu do passado; ele ainda complementa que “[...] Não é mentira muita, porque é a mesma coisa em como se eu tivesse morrido mesmo... Não tem mais nenhum Nhô Augusto Estêves, das Pindaíbas, Tião...” (ROSA, 1984, p. 1960).

Para afugentar a tristeza que o invade decorrente de tudo o que escutou de Tião da Thereza, Augusto retorna novamente ao amparo de um símbolo religioso, indo atrás de uma área

ocupada por bananeiras e exclamando: “— P’ra o céu eu vou, nem que seja a porrete!...” (ROSA, 1984, p. 361) e ocupa o seu tempo nesse dia trabalhando até tarde da noite prestando auxílio a um vizinho para poder remover uma égua que estava presa em um atoleiro. Porém, findo a atividade laboral, Augusto é eivado pelo sentimento de tristeza que estava tentando enxotar e por uma espécie de desejo mesclado com saudosismo de fazer os seus antigos atos de maldade do passado remoto:

Mas, daí em seguida, ele não guardou mais poder para espantar a tristeza. E, com a tristeza, uma vontade doente de fazer coisas mal-feitas, uma vontade sem calor no corpo, só pensada: como que, se bebesse e cigarrasse, e ficasse sem trabalhar nem rezar, haveria de recuperar sua força de homem e seu acerto de outro tempo, junto com a pressa das coisas, como os outros sabiam viver. (ROSA, 1984, p. 361)

Augusto é então tomado por um profundo momento de dúvida, por uma forte crise religiosa e existencial, e esse momento de ruptura será crucial para a sua saída futura do povoado do Tombador. Entretanto, como lidar com o fato de, segundo ele, ser castigado pelos seus longínquos pecados? Como lidar com todo o sofrimento que passou na sua quase morte e agora após ouvir as palavras amargas de Tião da Thereza? Mesmo lembrando dos avisos do padre de que o sofrimento dele era um aviso divino para livrar do sofrimento eterno: “— “Você, em toda sua vida, não tem feito senão pecados muito graves, e Deus mandou estes sofrimentos só para um pecador poder ter a idéia do que o fogo do inferno é!...” (ROSA, 1984, p. 361), o pensamento de Matraga é tomado pela probabilidade de talvez não adentrar nos céus, a futura morada eterna destinada àqueles que servem e seguem a Jesus Cristo. Todavia, ao lembrar-se de uma frase simbólica do padre no seu sermão, Augusto consegue afastar temporariamente os seus soturnos pensamentos: “Cada um tem a sua vez, e a minha hora há-de chegar!. . .” (ROSA, 1984, p. 361).

Na sua segunda crise religiosa, Augusto lamenta ao casal de negros que está sofrendo demasiadamente pelos seus antigos pecados e que Deus, que antes era o seu amparo e porto seguro para a sua nova vida, tinha esquecido-se dele. Augusto condói-se novamente que Dona Diónora, a sua ex-esposa estava junto com outro homem em vias de casarem-se, a sua filha “tão nova, e já na mão de todos, rolando por este mundo, ao deus-dará” (ROSA, 1984, p.362) o seu velho companheiro Quim tinha morrido para defender a honra de Augusto que estava supostamente morto, Quim havia morrido por um patrão “de borra, que estava p’r’ali no escondido, encostado, que nem como se tivesse virado mulher!... (ROSA, 1984, p.362).

Nessa sociedade, a condição de mulher é vista como um objeto do homem, um ser subjugado e que deve ter como utilidade casar-se com o homem dar-lhe filhos, que serão seus herdeiros futuramente, então aqui um homem ser comparado como uma mulher é um exemplo de humilhação máxima e o rebaixamento de uma posição de prestígio nessa localidade que o conto rosiano está ambientado: a posição de homem, ser másculo, forte, livre, autônomo e que pode cometer adultério, diferentemente da mulher; como podemos ver no início do conto: Augusto trai a sua esposa diversas vezes com prostitutas, porém quando Dona Diônora decide não aceitar mais essa situação e juntar-se amorosamente com outro homem, o único destino que Augusto decide dar-lhe é a morte.

Augusto envergonha-se diante do fato de ter de confrontar os seus antigos conhecidos no céu, após a sua morte:

— O resto é peso p'ra dia, mãe Quitéria... Mas, como é? Como é que eu vou me encontrar com o Quim lá com Deus, com que cara?!... E eu já fui zápede, já pus fama em feira, mãe Quitéria! Na festa do Rosário, na Tapera... E um dia em que enfrentei uns dez, fazendo todo-o-mundo correr... Desarmeí e dei pancada, no Sergipão Congo, mãe Quitéria, que era mão que desce, mesmo monstro matador!... E a briga, com a família inteira, pai, irmão, tio, da moça que eu tirei de casa, semana em antes de se casar?!
(ROSA, 1984. p. 362).

Há aqui a primeira tentativa de sucumbir ao *Olhar de Orfeu*. Ou seja, olha para trás e ver o que perdeu, mesmo que isso cause a sua própria destruição, assim como Orfeu olhou para trás (mesmo sendo exortado para não fazê-lo) e perdeu para sempre a sua amada Eurídice próximo da saída do Inferno. Augusto deseja retornar ao Córrego do Murici e pelo menos vingar a morte de Quim. Porém, como Augusto enfrentará os antigos malfeitores que o espancaram antigamente e assassinaram Quim? Ele que não tem mais poder, influência, terras, um casamento sólido, tudo o que poderia dar-lhe alguma influência social diante dos outros indivíduos:

—Tem horas em que fico pensando que, ao menos por honrar o Quim, que morreu por minha causa, eu tinha ordem de fazer alguma vantagem... Mas eu tenho medo... Já sei como é que o inferno é, mãe Quitéria... Podia ir procurar a coitadinha da minha filha, que talvez esteja sofrendo, precisando de mim... Mas eu sei que isso não é eito meu, não é não. Tenho é de ficar pagando minhas culpas, penando aqui mesmo, no sozinho. Já fiz penitência estes anos todos, e não posso ter prejuízo deles! Se eu quisesse desperdiçar essa penitência feita, ficava sem uma coisa e sem outra... Sou um desgraçado, mãe Quitéria, mas o meu dia há-de chegar!... A minha vez...
(ROSA, 1984, p. 362-363).

Augusto é acometido por uma tristeza profunda por meses. Nesse ínterim, cai uma chuva no povoado do Tombador que transformou toda a região outrora seca e ressequida: “Então, tudo estava mesmo muito mudado, e Nhô Augusto, de repente, pensou com a ideia muito fácil, e o corpo muito bom. Quis se assustar, mas se riu” (ROSA, 1984, p. 364). Augusto vê na chuva um símbolo de mudança e decide transformar-se e ressignificar-se mais uma vez, afastando, escamoteando os pensamentos tristes e contraditórios e continuando a sua filosofia de vida amparada em Jesus Cristo: “E agora rezava até muito melhor e podia esperar melhor, mais sem pressa, a hora da libertação.” (ROSA, 1984, p.364).

3. O Santo e o Pecador

Toda a diversidade, todo o encanto, toda a beleza da vida é feita de sombra e de luz.

Liev Tolstói

Sentimentos contraditórios que sempre estão em combate dentro de Augusto Matraga (causados pela dualidade entre a sua vida religiosa, que prega o esquecimento dos atos regressos, e um certo apego nostálgico de sua vida passada e o desejo de cometer vingança) submergem novamente com a chegada de Seu Joãozinho Bem-Bem no povoado do Tombador com o seu bando de valentões, figuras masculinas que causam muito temor nos indivíduos da região, e utilizam-se disso para obterem tudo o que desejam, assim como podemos também ler no conto *Corpo Fechado*, que também faz parte da antologia *Sagarana*.

Em *Corpo Fechado*, o narrador médico está ouvindo e narrando as aventuras e desventuras da figura irônica e sagaz de seu amigo Manuel Fulô, o médico sem nome também é padrinho do futuro casamento de Manuel. Em certo momento da narrativa rosiana, o temido valentão Targino anuncia que irá abusar sexualmente da noiva de Manuel Fulô, a das Dor, e se o outro tentar impedi-lo morrerá baleado. A figura do valentão inspira medo na população porque ele pode fazer o que bem entender, sem preocupar-se com as leis humanas ou divinas ou de ser preso por seus atos criminosos, até o coronel da localidade possui medo da figura de Targino:

— Escuta, Mané Fulô: a coisa é que eu gostei da das Dor, e venho visitar sua noiva, amanhã... Já mandei recado, avisando a ela... E um dia só, depois vocês podem se casar... Se você ficar quieto, não te faço nada... Se não... — E Targino, com o indicador da mão direita, deu um tiro mímico no meu pobre amigo, rindo, rindo, com a gelidez de um carrasco mandchu. Então, sem mais cortêsias, virou-se e foi-se.
(ROSA, 1984, p. 293)

Em *A hora e vez* de Augusto Matraga, também vemos esse pânico diante das feições dos valentões; enquanto a população do povoado escondia-se amedrontada “com medo de fechar as portas, com medo de ficar na rua, com medo de falar e de ficar calado, com medo de existir” (ROSA, 1984, p. 365), Augusto que estava na sua faina de trabalhar para um de seus vizinhos, abandona o que estava fazendo e corre na direção do grupo que acabara de chegar ali na região. E Joãozinho logo afeiçoa-se ao excêntrico homem: “porque era a coisa mais custosa deste

mundo seu Joãozinho Bem-Bem se agradar de alguém ao primeiro olhar”. (ROSA, 1984, p.365). Augusto então convida Joãozinho Bem-Bem a passar a estadia em sua casa. Joãozinho queria saber quem iria abrigar os seus companheiros em casa, porém Augusto logo responde que todos os homens deveriam ir para sua casa:

— Pois eu gostava era que viessem todos juntos para o meu rancho...
— Não será abuso, mano velho?
— É não... E de coração.
(ROSA, 1984, p.366)

Mesmo os homens do bando sendo pecadores, o eixo de *amar ao próximo como a ti mesmo* está profundamente e inconscientemente imbricado nele, tanto que Augusto decide abrigá-los e fazer de tudo para que os seus convidados sintam-se bem. Augusto cuida deles, mesmo o bando de valentões agindo e contrariando profundamente o seu modo religioso de viver os mitos. Essa passagem ecoa a passagem no Evangelho de Lucas em que Jesus Cristo é criticado pelos fariseus e pelos escribas por andar e comer junto de pessoas pecadoras, ao que este logo adverte que veio à Terra não para salvar e auxiliar os justos, mas para salvar os transgressores e os perdidos. (LC: 15):

E aí o casal de pretos, em grande susto, teve de se afanar, num corre-corre de depenar galinhas, matar leitoa, procurar ovos e fazer doces. E Nhô Augusto, depois de buscar ajuda para tratar dos cavalos, andou de casa em casa, arrecadando aluá, frutas, quitandas, fumo cheiroso, muita cachaça, e tudo o mais que de fino houvesse, para os convidados. E os seus convidados achavam imensa graça naquele homem, que se atarefava em servi-los, cheio de atenções, quase de carinhos, com cujo motivo eles não topavam atinar.
(ROSA, 1984, p.366)

A aproximação fará Augusto gostar imensamente de recebê-los, já que os valentões ali abrigados em sua residência lembram-no intensamente da sua vida pregressa, em Augusto existia um germe do passado longínquo, mesmo sendo um pecado e uma transgressão relembrar a sua vida passada, já que o ato de esquecer-se do passado seja a marca imprescindível do cristianismo que funda-se na conjunção de uma nova mentalidade após o contato com as palavras de Jesus Cristo.

Após conhecer alguns dos companheiros de Joãozinho Bem-Bem, Augusto bebe cachaça e aprecia a arma de fogo de Bem-Bem, logo este diz que ele pode gastar as oitos balas da munição da arma. Augusto, então, decide mirar e atirar em um galho de árvore e “acertou um em dois”. (ROSA, 1984, p. 370). Entretanto, após realizar o ato é tomado por uma sensação de

profundo mal-estar e aversão, aquela ação lembrou-o mais do que nunca do velho Augusto: o Augusto pecador, que sempre andava portando uma arma de fogo e agora não condiz com a sua atual condição:

Mas, nesse tento, Nhô Augusto tornou a fazer o pelo-sinal e entrou num desânimo, que o não largou mais. Continuou, porém, a cuidar bem dos seus hóspedes, e, como o pessoal se acomodara ali mesmo, nas redes, ao relento, com uma fogueira acesa no meio do terreiro, ele só foi dormir tarde da noite, quando não houve mais nem um para contar histórias de conflitos, assaltos e duelos de exterminação.
(ROSA, p. 370)

O grupo de valentões parte no dia seguinte bem cedo, aqui já está formado o amor filial entre Joãozinho e Augusto. Bem-Bem oferece uma oportunidade de ingresso no seu grupo de valentões a Augusto, o que este prontamente nega: “— Ah, não posso! Não me tenta, que eu não posso, seu Joãozinho Bem-Bem...” (ROSA, 1984, p.371) já que apesar de gostar daqueles homens, eles destoam de toda a sua vida de viver os mitos, longe dos pecados e dos antigos atos de maldade. A personagem Juruminho, um dos integrantes do bando de Joãozinho, antes de partir ainda pede a Augusto para rezar por sua irmã “que sofre de doença com muitas dores e vive na cama entrevada, lá no arraial do Urubu...” (ROSA, 1984, p.371). Já que Augusto é visto por todos como um ser ascético que detém uma maior aproximação com o mundo religioso e que poderia ajudar na cura da mulher.

Augusto se vê diante de outros pensamentos conflituosos, já que para ele os homens não sofriam mentalmente como ele, eles não precisavam preocupar-se com a problema de além de viver uma vida religiosa, amparar-se nela e seguir sempre os seus ensinamentos, afastando-se dos pecados e das transgressões: “Aqueles, sim, que estavam no bom, porque não tinham de pensar em coisa nenhuma de salvação de alma, e podiam andar no mundo, de cabeça em-pé...” (ROSA, 1984, p. 371-372). Agora ele sofre ao pensar que é o ser mais humilhado da face do planeta: traído por sua esposa e antigos subordinados, suas terras foram roubadas, sua filha sofrendo na mão de outros homens. Augusto sofre o contraste ao ver a sua situação de humilhado diversas vezes e aqueles homens fortes e independentes que parecem contrapor e expor a sua mísera condição de ser fragilizado.

Augusto ainda pensa em falar com Joãozinho e todos eles do bando “rebentavam com o Major Consilva, com o Ovídio, com a mulher, com todo-o-mundo que tivesse tido mão ou fala na sua desgarração” (ROSA, 1984, p.372), mas o pensamento religioso de amar ao próximo está tão imbricado nele que logo ele escamoteia esse pensamento com o temor de ser castigado

novamente por Deus se pedisse ao grupo viajante para cometer aquelas vinganças para ele, voltando mais uma vez ao trabalho duro mesmo nos dias chuvosos e ininterruptos que se seguem:

E só então foi que ele soube de que jeito estava pegado à sua penitência, e entendeu que essa história de se navegar com religião, e de querer tirar sua alma da boca do demônio, era a mesma coisa que entrar num brejão, que, para a frente, para trás e para os lados, é sempre dificultoso e atola sempre mais.

(ROSA, 1984, p. 372).

O herói Jesus Cristo não sucumbiu e nem declinou às tentações de Satã durante o período em que estava sozinho em jejum no deserto. E essa atitude de indeclinável sujeição às tentações do Mal é um modelo para os cristãos sofredores, que devem sempre afastarem-se peremptoriamente dos pecados (KERMODE, 1997). Após esse momento de crise interna, Augusto volta a sentir saudades de encontrar-se amorosamente com mulheres, mas ele acha bom seguir firmemente na vida religiosa celibatária convivendo e afastando os pensamentos e desejos que ele considera como pecaminosos: “Assim, sim, que era bom fazer penitência, com a tentação estimulando, com o rasto no terreno conquistado, com o perigo e tudo”. (ROSA, 1984, p. 373). À maneira dos cristãos, mártires sofredores que dialogam no terreno da dor e da devoção. (KERMODE, 1997).

Augusto, então, decide resolutamente sair do povoado do Tombador e estabelecer-se em outro lugar. Ele não sucumbe ao *olhar de Orfeu* em ver tudo o que perdeu e por isso perder-se, em seu âmago não existem desejos de vingança contra a sua mulher adúltera, nem contra os seus antigos malfeitores ex-comparsas ou a vontade de salvar a sua filha Mimita, ele deseja antes de tudo conhecer novos ares e encontrar a sua sorte em outro lugar: “—Adeus, minha gente, que aqui é que mais não fico, porque a minha vez vai chegar, e eu tenho que estar por ela em outras partes!” (ROSA, 1984, p. 375).

Augusto queria realizar a sua viagem a pé, porém um vizinho chamado Rodolpho Merêncio oferece um jegue a Matraga para poder viajar confortavelmente, este prontamente nega o presente. Todavia, Mãe Quitéria lembra-o do simbolismo religioso do animal que foi a montaria de Jesus antes da sua morte na cruz: “[...] porque mãe Quitéria lhe recordou ser o jumento um animalzinho assim meio sagrado, muito misturado às passagens da vida de Jesus”. (ROSA, 1984, p. 375).

O que mãe Quitéria está relembrando é a *Entrada Triunfal em Jerusalém*, em que Jesus Cristo antes de entrar na cidade de Jerusalém para cumprir as profecias sobre ele que auscultavam que o salvador morreria ali naquela cidade, pede aos discípulos para encontrarem um jumento para ele montar e é aclamado pela população no caminho da cidade, já que esse detalhe também fazia da profecia do Antigo Testamento. Mãe Quitéria parece prever o destino de Augusto, que foi também o destino de Jesus: ambos viajam montados em um jumento antes de morrerem como salvadores e heróis na cidade que irão adentrar.

Apesar de afastar-se do povoado do Tombador, Augusto não afasta-se dos símbolos religiosos que dão sustentação e apoio a ele. No meio da estrada ele recorre às árvores que ele próprio ressignifica como sendo símbolos religiosos e objetos que carregam semelhança com a imagem de Deus, ele “parou [...] para rezar perto de um pau-d’arco florido e de um solene pau-d’óleo, que ambos conservavam, muito de-fresco, os sinais da mão de Deus”. Para lidar com a teimosia do animal em que está montado para continuar andando pela estrada, Augusto também volta-se para às orações para ver o animal andar:

E quando o jegue empacava — porque, como todo jumento, ele era terrível de queixo-duro, e tanto tinha de orelhas quanto de preconceitos, — Nhô Augusto ficava em cima, mui concorde, rezando o terço, até que o jericó se decidisse a caminhar outra vez. E também, nas encruzilhadas, deixava que o bendito as no escolhesse o caminho, bulindo com as conchas dos ouvidos e ornejando. E bastava batesse no campo o pio de uma perdiz magoada, ou viesse do mato a lália lamúria dos tucanos, para o jumento mudar de rota, pendendo á esquerda ou se em pescoçando para a direita; e, por via de um gavião casacode-couro cruzar-lhe à frente, já ele estacava, em concentrado prazo de irresolução.
(ROSA, 1984, p.378)

Augusto adentra no arraial do Rala-Coco onde está acontecendo uma grande agitação de pessoas. Lá está alocado Seu Joãozinho Bem-Bem com o seu bando, que logo recebem Matraga de bom grado. Augusto imediatamente pergunta onde encontrava-se Juruminho, que havia pedido orações a Augusto quando ele ainda estava no povoado do Tombador para auxiliar a sua irmã que estava doente. Joãozinho responde que Juruminho foi morto, traído por um de seus colegas de bando “mas a família vai pagar tudo, direito!” (ROSA, 1984, p.380).

Augusto afirma que irá rezar pela alma do homem morto: – Coitado do Juruminho, tão distorcido e de tão bom parecer... Deixa eu rezar pela alma dele...” (ROSA, 1984, p. 380). Para a filosofia religiosa de Augusto, o ato de rezar pela pessoa falecida seria algo que traria salvação e paz para o espírito – matéria do além-humano –, do homem no outro mundo espiritual e

poderia ajudá-lo, portanto, a encontrar a misericórdia divina. Após ouvir as orações de Augusto, Joãozinho oferece a ele novamente outro convite para ingressar no seu bando:

—...eu gostei da sua pessoa, em-desde a primeira hora, quando o senhor caminhou para mim, na rua daquele lugarejo... Já lhe disse, da outra vez, na sua casa: o senhor não me contou coisa nenhuma de sua vida, mas eu sei que já deve de ter sido brigador de ofício. Olha: eu, até de longe, com os olhos fechados, o senhor não me engana: juro como não há outro homem p'ra ser mais sem medo e disposto para tudo. E só o se nhor mesmo querer...
(ROSA, 1984, p.380)

Augusto fica tentado a abandonar a sua vida religiosa, longe dos pecados e dos atos que podem trazer a fúria de Deus e levá-lo a perdição eterna da sua alma e entrar no bando de Joãozinho, especialmente após apreciar a arma de fogo de Bem-Bem: “[...] bateu a mão na winchester, do jeito com que um gato poria a pata num passarinho. Alisou coronha e cano. E os seus dedos tremiam, porque essa estava sendo a maior das suas tentações.” (ROSA, 1984, p. 381). Entretanto, igualmente Jesus Cristo que não dobrou-se às tentações diabólicas no deserto, Augusto não declina e rejeita a oferta do valentão, Matraga não pode mais uma vez entregar-se ao pecado:

Fazer parte do bando de seu Joãozinho Bem-Bem! Mas os lábios se moviam —talvez ele estivesse proferindo entre dentes o creio-em-deus-padre — e, por fim, negou com a cabeça, muitas vezes:
— Não posso, meu amigo seu Joãozinho Bem-Bem!... Depois de tantos anos... Fico muito agradecido, mas não posso, não me fale nisso mais...
(ROSA, 1984, p. 381)

Nesse momento, eles são interrompidos pela chegada de um homem idoso, pai do assassino de Juruminho, que pede misericórdia a Joãozinho Bem-Bem pelos seus familiares inocentes e que não tem relação com o ato cometido por seu filho. Pelas retrógradas concepções de tradição do bando de valentões, a traição de um de seus integrantes deveria ser paga pela morte de toda a sua família. Após ouvir os pedidos de piedade, misericórdia e clemência do homem idoso, Joãozinho não extingue a sua sentença, mas abrandá-a:

— Lhe atender não posso, e com o senhor não quero nada, velho. É a regra... Senão, até quem é mais que havia de querer obedecer a um homem que não vinga gente sua, morta de traição?... É a regra. Posso até livrar de sebaça, às vezes, mas não posso perdoar isto não... Um dos dois rapazinhos seus filhos tem de morrer, de tiro ou à faca, e o senhor pode é escolher qual deles é que deve de pagar pelo crime do irmão. E as moças... Para mim não quero

nenhuma, que mulher não me enfraquece: as mocinhas são para os meus homens...
(ROSA, 1984, p.382)

O homem idoso tenta acender uma fagulha de misericórdia no valentão Joãozinho para que ele não mate nenhum dos seus familiares recorrendo às figuras religiosas que são comuns e conhecidas pelos indivíduos da região, como a Virgem Maria e Jesus Cristo, figuras máximas do pensamento simbólico religioso, assim como Matraga invoca os símbolos e máximas religiosas para ampará-lo nos momentos difíceis que estava na sombra da morte após ser severamente agredido. Já que com os símbolos sagrados, o homem exorciza o medo e constrói diques contra o caos (ALVES, 1984):

– O senhor é poderoso, é dono do choro dos outros... Mas a **Virgem Santíssima** lhe dará o pago por não pisar em formiguinha do chão... Tem piedade de nós todos, seu Joãozinho Bem- Bem!
(ROSA, 1984, p.381)

— Ai, seu Joãozinho Bem-Bem, então lhe peço, pelo amor da senhora sua mãe, que o teve e lhe deu de mamar, eu lhe peço que dê ordem de matarem só este velho, que não presta para mais nada... Mas que não mande judiar com os pobrezinhos dos meus filhos e minhas filhas, que estão lá em casa sofrendo, adoecendo de medo, e que não têm culpa nenhuma do que fez o irmão... **Pelo sangue de Jesus Cristo e pelas lágrimas da Virgem Maria!**...
(ROSA, 1984, p. 382)

Porém, diante do silêncio que emana do valentão, o desesperado homem idoso clama invocando o nome de Deus, utilizando-se, assim, de palavras carregadas de força e potência para ampará-lo e causar algum sentimento de empatia em Joãozinho: “— Pois então, satanás, eu chamo a força de Deus p’ra ajudar a minha fraqueza no ferro da tua força maldita!...” (ROSA, 1984, p. 382), o que causa um enorme silêncio no ambiente em que o valentão e o pedinte encontram-se.

Nesse momento, Augusto, outrora calado e taciturno, intervém na discussão dos dois homens. Ele, o homem que vive e encarna os mitos, que tem como Jesus Cristo o seu eixo central de vida não pode permitir que essa injustiça ocorra, contrariando todos os preceitos filosóficos-religiosos: mesmo conhecendo as tradições antiquadas presentes no sertão, um homem não pode pagar pelos pecados cometidos por seu filho, e Augusto não pode ver isso e permitir que isso ocorra:

— Não faz isso, meu amigo seu Joãozinho Bem-Bem, que o desgraçado do velho está pedindo em nome de Nosso Senhor e da Virgem Maria! E o que vocês estão querendo fazer em casa dele é coisa que nem Deus não manda e nem o diabo não faz!

Nhô Augusto tinha falado; e a sua mão esquerda acariciava a lâmina da lapiana, enquanto a direita pousava, despreocupada, no pescoço da carabina. Dera tom calmo às palavras, mas puxava forte respiração soprosa, que quase o levantava do selim e o punha no assento outra vez. Os olhos cresciam, todo ele crescia, como um touro que acha os vaqueiros excessivamente abundantes e cisma de ficar sozinho no meio do curral.

(ROSA, 1984, p. 382-383)

Os dois homens, Augusto e Joãozinho, iniciam um duelo de tiros de armas de fogo: “E a casa matraqueou que nem panela de assar pipocas, escurecida à fumaça dos tiros, com os cabras saltando e miando de maracajás” (ROSA, 1984, p. 383). Uma matança resulta desse duelo: “Três dos cabras correram, porque outros três estavam mortos, ou quase, ou fingindo.” (ROSA, 1984, p. 384), o que acaba também deixando os dois adversários à beira da morte:

E aí o povo encheu a rua, à distância, para ver. Porque não havia mais balas, e seu Joãozinho Bem-Bem mais o Homem do Jumento tinham rodado cá para fora da casa, só em sangue e em molambos de roupas pendentes. E eles negaceavam e pulavam, numa dança ligeira, de sorriso na boca e de faca na mão.

(ROSA, 1984, p. 384)

Diante da iminente morte de Joãozinho, Augusto tomado de misericórdia ainda clama que o outro homem arrependa-se dos seus pecados para encontrar a salvação de sua alma e a misericórdia de Deus: “— Joga a faca fora, dá viva a Deus, e corre, seu Joãozinho Bem-Bem...” “— Se arrepende dos pecados, que senão vai sem contrição, e vai direitinho p’ra o inferno, meu parente seu Joãozinho Bem-Bem!...”

Após exclamar para Joãozinho arrepender-se dos seus pecados e atos de maldade, Augusto golpeia o homem mortalmente, fazendo com que as suas entranhas saiam profusamente do seu corpo: “A lâmina de Nhô Augusto talhara de baixo para cima, do púbis à boca-do-estômago, e um mundo de cobras sangrentas saltou para o ar livre [...]”. (ROSA, 1984, p. 384).

Se a contradição marca o primeiro contato que Augusto tem com Joãozinho, ainda no povoado do Tombador, a contradição também apresenta-se como uma marca distintiva do seu último encontro com Bem-Bem. Augusto que após a sua simbólica luta para afastar-se do pecado, aqui comete um pecado, contrariando um dos dez mandamentos sagrados da Bíblia Sagrada, o “não matarás”. Todavia, ironicamente e curiosamente ele comete o pecado de matar Joãozinho para poder salvar as pessoas que ele iria matar, ou seja, ele mata um pecador para que, desse modo, pessoas inocentes não morram e se salvem, mesmo que para alcançar esse objetivo Augusto também se fira e morra agonizantemente logo depois do mortal duelo com Joãozinho.

Mais do que apenas viver os mitos de Jesus Cristo, Matraga torna-se no momento da sua morte a figura do seu ser religioso aclamado, há nesse momento a aproximação máxima com a figura de Jesus. Cristo morreu com o corpo dilacerado e agonizando na cruz do calvário (no evangelho segundo João, o tronco do Messias é golpeado na crucificação por uma lança por um dos vigias-soldados), para naquele momento absorver e sentir no corpo humano as dores e maldições dos pecados cometidos e que irão ser cometidos por todos os povos do mundo. O corpo dilacerado de Augusto por batalhar com o valentão, não traz a salvação espiritual dos pecados daqueles indivíduos, todavia traz alívio e salvação material e carnal deles. A sua morte traz a vida. Os moradores tentam ainda prestar socorro a Matraga, porém ele exclama para eles empenharem a sua força com o seu companheiro que jaz agonizante no chão:

Aí, o povo quis amparar Nhô Augusto, que punha sangue por todas as partes, até do nariz e da boca, e que devia de estar pesando demais, de tanto chumbo e bala. Mas tinha fogo nos olhos de gato-do-mato, e o busto, especado, não vergava para o chão.

— Espera aí, minha gente, ajudem o meu parente ali, que vai morrer mais primeiro... Depois, então, eu posso me deitar.
(ROSA, 1984, p. 384-385).

Da mesma forma que Jesus morreu e foi mitificado como herói-salvador da humanidade, Augusto - “o homem do jumento” - também é mitificado, e visto no hora do seu falecimento pela população daquele arraial como um homem designado e enviado para salvá-los, da mesma forma que Jesus foi enviado ao planeta Terra por Deus por amor pelos seres humanos: “ E o povo, enquanto isso, dizia: — “Foi Deus quem mandou esse homem no jumento, por mór de salvar as famílias da gente!...”(ROSA, 1984, p. 385):

E o velho choroso exclamava:

— Traz meus filhos, para agradecerem a ele, para beijarem os pés dele!... Não deixem este santo morrer assim...

(ROSA, 1984, p.386).

Com uma expressão de transfiguração divina em sua face à maneira dos mártires cristãos: “[...] Augusto Matraga fechou um pouco os olhos, com sorriso intenso nos lábios lambuzados de sangue, e de seu rosto subia um sério contentamento” (ROSA, 1984, p. 386), o homem recém heroificado e mitificado consegue morrer em paz perdoadando, finalmente, (assim como as palavras de Jesus que respondendo ao seu discípulo Pedro diz que devemos perdoar as outras pessoas setenta vezes sete vezes) a sua ex-esposa Dona Dionóra que ele havia humilhado envolvendo-se com outras mulheres e também fora humilhado por ela após Dionóra ter juntando-se amorosamente com outro homem, Ovídio Moura; e abençoando a sua filha Mimita, esperando assim que ela livre-se do jugo da opressão e da exploração:

Põe a benção na minha filha... seja lá onde for que ela esteja... E, Dionóra...
Fala com a Dionóra que está tudo em ordem!
Depois, morreu.
(ROSA, 1984, p. 386).

Considerações Finais

Mais do que narrar uma história sagrada (ELIADE, 2007), os mitos são importantes para a literatura (a literatura inúmeras vezes referência, repagina e atualiza os mitos), para o pensamento religioso e para nossa formação humana. Os mitos de Orfeu e de Jesus Cristo foram eixos fundamentais para este trabalho. Podemos analisar os ecos desses dois mitos no conto *A hora e vez de Augusto Matraga*, escrito por Guimarães Rosa e integrante da antologia *Sagarana*.

O personagem principal do conto rosiano é inicialmente um homem bastante diferente das figuras heróicas de Jesus e Orfeu, ele não é um homem corajoso, destemido e exemplo moral, mas pelo contrário, ele é um homem sem amor que não detém nenhuma espécie de afeição por sua esposa e filha. Após ser traído por seus antigos comparsas, Matraga apanha e beira a um estado de quase morte, descendo a um local que assemelha-se ao mundo dos mortos e sofre ali demasiadamente as chagas da violência física.

Augusto empreende a sua catábese ao mundo dos mortos à maneira dos heróis Jesus e Orfeu, obtém ali o conhecimento e experiência necessária para transformar a sua vida para sempre e emerge ao mundo dos vivos como outro ser: amparando-se e guiando-se nos ensinamentos e palavras de Jesus Cristo, que foram proferidas a ele por intermédio da figura de um padre.

Formada por mitos, a religião dá aos seres humanos um amparo, apoio, sentido de vida e de mundo (ALVES, 1984); e ela dá a Augusto o aporte e eixo para sair do mundo dos mortos e ressignificar a sua vida como um outro homem. Estabelecendo-se em outra região, Matraga orienta a sua vida com fundamentos filosóficos-religiosos anunciados por Jesus: amar a Deus e amar ao próximo e tentará a todo momento viver como Jesus viveu.

A aproximação máxima com Jesus Cristo será no momento da morte de Augusto. O ex-pecador decide salvar uma família desconhecida de uma decisão antiquada, arbitrária e mortal, mesmo que para isso ele morra também. Os dois heróis (Matraga e Cristo) sacrificam-se para poderem, dessa forma, salvar outros seres. Este trabalho pôde analisar a irrupção e a marca distintiva, onipresente e imorredoura dos mitos, que são referenciais importantes para o imaginário popular e para a própria literatura em si, lembrando-se que os mitos não morrem e ecoam para sempre assim como a lira de Orfeu.

Referências Bibliográficas

ALVES, Rubem. **O que é religião**. São Paulo, SP: Abril Cultural: Brasiliense, 1984.

BRUNEL, Pierre. As vocações de Orfeu. In: BRICOUT, Bernadette. **O olhar de Orfeu: os mitos literários do Ocidente**. Tradução Leila Oliveira Benoit. São Paulo, SP. Editora Companhia das Letras, 2003.

Bíblia - Volume I: Novo testamento - Os quatro evangelhos. Tradução: Frederico Lourenço. São Paulo, SP. Editora Companhia das Letras, 2017.

Bíblia - Volume III: Antigo Testamento - Os livros proféticos. Tradução: Frederico Lourenço. São Paulo, SP. Editora Companhia das Letras, 2019.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**. Tradução: David Jardim. Rio de Janeiro, RJ. Editora Ediouro, 2001.

CARRIÈRE, Jean-Claude. Juventude dos Mitos. In: BRICOUT, Bernadette. **O olhar de Orfeu: os mitos literários do Ocidente**. Tradução Leila Oliveira Benoit. São Paulo, SP. Editora Companhia das Letras, 2003.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. Tradução: Pola Civelli. São Paulo, SP. Editora Perspectiva, 2007.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Tradução: Leandro Konder. São Paulo, SP. Editora Expressão Popular, 2010.

FERNANDES, R. M. **Catábase ou descida aos infernos: alguns exemplos literários**. 1993. Disponível em <<https://digitalis-dsp.uc.pt/handle/10316.2/28707>>

KERMODE, Frank. Mateus. In: ALTER, Robert; KERMODE, Frank. **Guia literário da Bíblia**. Tradução: Raul Fiker. São Paulo, SP. Editora Unesp, 1997.

ROSA, Guimarães. **Sagarana**. Rio de Janeiro, RJ. Editora Record, 2004.

ROSA, Guimarães. **Tutaméia** (Terceiras Estórias). Rio de Janeiro, RJ. Livraria José Olympio Editora S. A.

OVÍDIO. **Metamorfoses**. Tradução: Bocage. São Paulo, SP. Editora Hedra, 2000